

RESENHA

IOTTI, Rafael. Mas é possível que haja outros. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017. 80p.

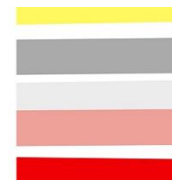
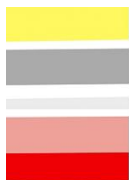
Prof. Dr. João Claudio Arendt
Universidade de Caxias do Sul
jcarendt@ucs.br

Prof. Dr. André Tessaro Pelinser
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
andre.pelinser@gmail.com

que idade tu tem,
ela pergunta
e eu respondo como
se pesasse laranjas na balança
[...] uma laranja podre
não é como uma idade podre
porque lhe resta a casca
mas minha idade, podre
sobra-me o quê?
(IOTTI, 2017, p.35)

Rafael Iotti afirma ter 25 anos, mas é possível que tenha muitos mais. Aparenta pelo menos 50. Com certeza, já cometeu todos os pecados capitais, não tem paciência para tomar banho, anda com os pés sempre sujos, já se agachou covardemente na hora do soco, fez vergonhas financeiras e tem sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas. Tem 25, aparenta 50, mas é possível que tenha mais. É certo que já cometeu alguns crimes suaves e comeu a sua ração diária de erro distribuída pelos ferozes poetas do mal. Sabe-se que já quis pôr fogo em tudo, inclusive em si mesmo, e que só foi salvo com “A invenção do amor”!

Mas é possível que haja outros como ele? Não. Tão jovens e tão velhos ao mesmo tempo, não. Poesia é o que se aprende a escrever no limite da vida, da razão, da linguagem, e em Iotti observa-se um tipo oblíquo de maturidade na juventude que perpassa o fazer poético e lhe confere caminhos inesperados. Cada poeta é único. E é possível que haja alguns jovens velhos e, na perspectiva inversa, velhos aparentando juventude. A poesia é jogo de limites, singular plural, ausência na presença, estranhamento que desloca o leitor.



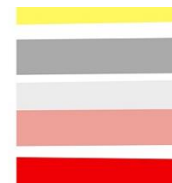
Mas é possível que haja outros foi publicado em 2017 pela editora 7Letras, do Rio de Janeiro. O volume de 80 páginas traz nas duas orelhas uma apresentação do poeta e editor Marco de Menezes, de Caxias do Sul, que parece conhecer o autor há pelo menos um século: “[...] porque toda vez que penso em Rafael é uma foto muito antiga que vejo, e ela mostra como se faz para aparecer e desaparecer o sorriso de alguém que não é deste tempo”, alguém “tentando acender um cigarro que já estava lá há cem anos, assim como o vento antigo”. Além disso, Marco de Menezes revela que o poeta estreante participa de um seleto círculo literário, que vai de Daniel Filipe, Parra e Bolaño, até o velho Borges.

Rafael Iotti nasceu em Porto Alegre, em 1992, e hoje vive em Caxias do Sul, cidades que ele sabe serem iguais em certo sentido, como se depreende, respectivamente, da leitura das páginas finais do seu volume de poemas:

13. Os índios, outros meninos do interior, gente velha
estendida na calçada
 14. Esses se parecem
 15. Que pobreza é pobreza em qualquer lugar do mundo. (p. 76)
-
9. Todos que passam pela praça à noite cagam na praça
 10. Onde duas crianças dormem encolhidas sobre
caixas de papelão (p. 77)

Essa é a percepção de alguém que, mesmo acostumado à vida na metrópole, não fica incólume quando se depara com uma cena em que o humano atinge o limite da humanidade e das condições sociais. Embora a miséria material não seja o fio condutor da obra, Iotti captura-a cá e lá com seus sentidos aprimorados pela experiência direta e pela leitura de outros escritores.

Se não há um tema específico que congregue os poemas do livro, o que há de especial na poesia do autor? Talvez seja aquilo que Vargas Llosa (2004) definiu como “um questionamento radical do mundo em que vivemos”, “uma predisposição sediciosa”, uma tentativa de “explorar e entender melhor os abismos do humano”. Sim, é possível que haja outros motes para a poesia em questão, mas o questionamento das ações humanas em vários níveis, a insurgência contra as diferentes formas de opressão e a tentativa de compreender o que vai pelo íntimo dos seres humanos já são matéria suficiente para dimensionar os poemas de estreia de Iotti. Como toda boa composição literária, fazemos sentir seres pertencentes à coletividade humana.



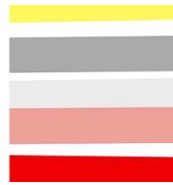
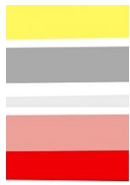
E isso está lá, do primeiro ao último verso do livro. Na seção “Poemas indecisos ou cinco poemas infantis”, o poeta conduz o seu leitor para a infância, onde tudo parece distante de se concretizar: a ida ao parque e ao shopping, a morte da avó e do primeiro cão de estimação. Bem assim o poeta reconstrói a relação tempo-espço na infância, reduplicando simbolicamente o efeito de distanciamento. Pela construção poética, as distâncias pretéritas ecoam a intransponível separação entre passado e presente:

tudo era longe longe
por mais perto que fosse
por mais simples viagem
um abraço de eu te amo era longe
uma palavra de paixão era longe
uma confissão era longe
uma troca de carinho era longe
os parques piscinas quadras longe
escalar na árvore longe
longe minha vizinha
longe o meu melhor amigo
longe as aulas de geografia
longe ela
longe sofia
longe eu
(ou eu sou perto?)
longe tudo. (p. 12-13)

Na mesma direção, vão os demais poemas que tematizam a primeira etapa da vida: o desejo de os pássaros serem de madeira, para que possam ser remontados após a morte; a grandeza da irmã que não alcançava o chão sentada no balanço; a convivência com a avó; e o descompasso de interesses entre adultos e crianças.

Na seção “Poemas frágeis”, o foco recai sobre o amor e seus dilemas, e aí há um aspecto que sobressai, que é o desencontro entre os amantes: “[...] pergunta se seria muito ruim / a outra pessoa vir para a mesma cidade / em Portugal mas os dois estabeleceram rotas / para não se cruzarem” (p. 21). Também no poema seguinte, o sujeito lírico confessa: “Sou um colecionador de fugas / te vi outro dia saindo da rodoviária / e preferi desviar o caminho do / que talvez te ver outra vez” (p. 23).

É provável que esse desacerto advenha de um senso de maturidade intermediado pelo contato com a arte e outros autores. Trata-se de uma espécie de consciência da impossibilidade de encontrar plenitude nas experiências humanas, consciência essa que interpõe empecilhos a uma ideia – que de resto seria sempre fadada ao fracasso – de



realização plena. Na poesia de Iotti, até mesmo a prova de amor vem marcada por certo descompasso, como se a experiência sublime só pudesse ser alcançada pelo seu oposto. É o que, na seção “Poemas insensíveis”, observa-se no casal deitado lado a lado na mesma cama e que, separado por um oceano, necessita de um navio transatlântico para se encontrar: “nós dois sabemos do meu enjoo / marítimo então se eu vomitar em você: / saiba que foi por amor.” (p. 60)

A síntese dessa forma dissonante de lidar com o mundo pode ser verificada ao final do volume de poemas, na imagem do sujeito que recebe pelo correio, sem aviso prévio, 256 litros de amor, cuidadosamente depositados no meio da sala de casa. Incapaz de lidar com tamanho do volume, só lhe resta questionar a função de tanto sentimento: “que faço eu, então, com essa / merda de amor / se nem posso carregá-lo / por aí?” (p. 75). Trata-se, ao que tudo indica, de uma poética do desacerto entre o indivíduo e seu mundo, permeada de seres humanos que, deslocados em sua própria existência, metaforizam outros tantos distanciamentos contemporâneos.

O auge do desconcerto do poeta revela-se no momento em que, assumindo a posição tanto do observador quanto do observado, evitaria o encontro consigo mesmo e fugiria de qualquer novo contato visual:

se eu me visse na
rua
eu atravessaria

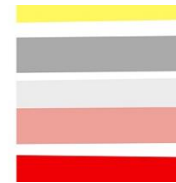
fingiria telefone
ou uma pedra pra chutar
qualquer reflexo me dói

medo mesmo eu só tenho
de me enxergar como enxergo
todo mundo

mais um fracassado com
as mãos nos bolsos
eu

de cabeça baixa não
olharia para trás
nunca mais (p.63)

Por intermédio de imagens do cotidiano, as quais seguidamente recompõem, em chave inesperada, um universo infantil, forma-se uma visão do mundo que parece



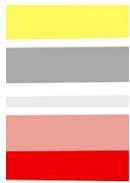
congregar os poemas, a despeito da inexistência de um tema que constitua um fio condutor para o livro.

Tais imagens servem, inclusive, para retomar de maneira conscienciosa a tradição literária e refletir sobre o próprio fazer artístico. É o que se observa no poema em que o eu-lírico reitera obsessivamente a ideia de que Hemingway, Tolstói, Nabokov, Galileu, Picasso, Freud e Miller “acendiam cigarros / e também pisavam na rua”, em uma espécie de ato contínuo que, se repetido pelo poeta, poderia fazer com que “talvez algum dia depois de pisar em muita rua / acender muitos cigarros ou não / algum dia quem sabe eu saiba o que eles souberam” (p. 24). No entanto, sempre em descompasso com o mundo, o poeta parece ciente de que é “só um e esses foram tantos / até dona Maria sabe / que os séculos passam e as ruas / as ruas e os cigarros são os únicos que ficam.” (p. 24)

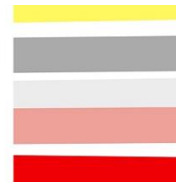
Ao mesmo tempo em que as imagens da rua e do cigarro catalisam todo um processo de recuperação da tradição artística, sua banalidade latente parece sempre pronta a reativar o desacordo entre o sujeito e o seu tempo presente. Portanto, não surpreende que em outro poema do livro o eu-lírico vislumbre com comedida alegria a possibilidade de um “nobre desfecho / para a poesia”, quando “a ciência explicasse tudo” e dos poetas fosse “tirado o peso de codificar o mundo” (p. 68).

Com efeito, é possível divisar, neste volume de estreia de Rafael Iotti, uma poética atenta ao constante conflito entre o sujeito e o mundo, e entre o poeta e o seu eu. Predisposta a entender melhor os abismos do humano, sua poesia alcança os melhores momentos pelo recurso a imagens do cotidiano que, no entanto, transmutam-se inesperadamente e produzem metáforas que ecoam para além das fronteiras do poema. Ao mesmo tempo, as várias referências à tradição poética aqui já mencionadas ilustram igualmente o nível de maturidade do livro de estreia de Rafael Iotti. A elas pode-se acrescentar, finalmente, o livro *A invenção do amor*, do poeta cabo-verdiano Daniel Filipe, de quem toma emprestado o verso “mas é possível que haja outros” para intitular o seu livro.

Maturidade no fazer poético não tem relação com idade cronológica. O que conta é a intensidade das experiências, reais ou não, que se amalgamam na linguagem usual e depois se transformam em poesia. Por isso, *é possível que haja outros*.



AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FILIPE, Daniel. *A invenção do amor e outros poemas*. Lisboa: Presença, 1972.

IOTTI, Rafael. *Mas é possível que haja outros*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.

VARGAS LLOSA, Mário. *A verdade das mentiras*. Trad. Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.

Recebido em: 22 de fevereiro de 2018.

Aprovado em: 09 de abril de 2018.